

BLUMENAU EM CADERNOS

TAXA PAGA
AUTORIZAÇÃO Nº. 48
ECT DR S.C.



TOMO XVI

Julho de 1975

Nº. 7

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau

Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau

Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau

Artex S/A. - Blumenau

Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz - Blumenau

Artur Fouquet - Blumenau

Georg Traeger - Blumenau

Electro Aço Altona S/A. - Blumenau

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau

Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau

Transportadora Vale do Itajaí Ltda. - Blumenau

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kuehnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque

Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau

Malharia Blumenau S/A. - Blumenau

Gráfica 43 S/A. - Ind. e Com. - Blumenau

Consulado Alemão - Blumenau

Dr. Jucy Varela - Caçador

Blumenau

em Ladernos

TOMO XVI

JULHO DE 1975

Nº. 7

Centenário Da Imigração Italiana

A importância do Centenário da Imigração Italiana no Brasil e, particularmente, em Santa Catarina — os municípios de Nova Trento, Rodeio e Rio dos Cedros comemoram nos meses de julho, novembro e dezembro, respectivamente, os seus 100 anos de fundação — vem movimentando a Província Autônoma de Trento, região de onde procedeu a maior parte dos imigrantes, tendo sido constituída uma comissão da Associação “Trentini Nel Mondo” com a finalidade de prestar auxílios e colaboração aos festejos no Brasil, de acordo com correspondência recebida pelo Professor Nelo Osti, Diretor do Instituto de Pesquisas Históricas do Vale do Itajaí.

Esta comissão, formada por altas personalidades da vida pública e privada de Trento (Itália), já se dispôs a cumprir os seguintes trabalhos: 1º. — Presença de uma delegação da Associação “Trentini Nel Mondo” e da Província Autônoma de Trento nas comemorações no Brasil e em Santa Catarina; 2º. — publicação, a cargo da Associação e com a colaboração da Província Autônoma de um opúsculo que recorde a história da imigração trentina no Brasil; 3º. — manter um voo aéreo reservado a familiares ou descendentes de imigrantes trentinos; 4º. — sensibilizar a opinião pública, através da imprensa, para o acontecimento histórico.

A comissão constituída pela Associação “Trentini Nel Mondo”, tem os seguintes membros: Flaminio Piccoli, deputado do Parlamento; Bruno Fronza, vice-presidente da Associação; Rodolfo Abram, diretor da Associação; Bruno Kessler, presidente regional trentino; Giorgio Grigolli, presidente da Província Autônoma; Guido Lorenzi, Assessor Cultural da Província Autônoma; Giuseppe Avancini, Assessor Comercial; Cláudio Betta, Assessor de Turismo e Artesanato de Trento; Lino Tomasi, Diretor da Câmara de Comércio de Trento; Túllio Endrizzi, Presidente das Obras Assistenciais de Trento; Maurício Monti, deputado parlamentar; Remo Segnata, senador da República, Giorgio Tononi, Prefeito de Trento; Cláudio Chiasera, funcionário de Trento e Guido Bortolomeotti, Vigário Geral de Trento.

FUNDAÇÃO DA CIDADE DE RODEIO

Insatisfeito com uma Europa conturbada em conflitos e crises políticas, 114 famílias do Tirol Trentino — oriundos de cidades como Rovereto, Pergine, Trento, Civiezzano, Fornace, Piné, Vigolo, Vattaro — decidiram abandonar a Itália, em 1875, e buscar uma vida mais próspera e calma no Brasil: estava lançada a primeira semente para a fundação de uma das mais simpáticas comunidades do Vale do Itajaí — o município de Rodeio.

Na verdade, os 100 anos que hoje separam uma Rodeio com mais de 8 mil habitantes da corajosa decisão destes imigrantes, envolveram dificuldades tão sérias como desconhecidas. Não foram poucos os Pintarelli, Scotini, Pasqualini, Pisetta e Girardi que deixaram o “sole mio” apenas com a roupa do corpo, além de uma compreensível dose de esperanças e incertezas quanto ao novo torrão. Em compensação, brilhava em seus peitos a Fé luminosa de Cristo, que em muitos lhes ajudou a superar os eventuais perigos e vicissitudes que esta empresa cheia de perigos escondia.

A primeira leva de imigrantes era composta por 20 famílias, que partiram de Trento em meados de maio de 1875. Após 3 meses de dura e exaustiva viagem, aportaram em Itajaí em 15 de agosto de 1875. O segundo grupo, composto por 34 famílias ali chegou em 15 de setembro de 1875. Um terceiro grupo, com o significativo número de 34 famílias partiu de Trento em 28 de agosto no vapor “Belgrano”, chegando a Blumenau em 28 de outubro do mesmo ano.

Os chefes de família, tão logo chegavam a Itajaí, eram conduzidos por um tal de Ferrari, até Timbó, onde escolhiam as terras para cultivar na floresta virgem. Após terem escolhido os lotes de terras, retornavam a Blumenau afim de buscarem suas respectivas famílias.

Desta forma, em meados de novembro de 1875, as 114 famílias (ou 166, na versão de muitos pesquisadores, como é o caso do Professor Nelo Osti, Diretor do Instituto de Estudos Históricos do Vale do Itajaí), emigrados do Tirol Trentino passaram a ocupar as colônias escolhidas a partir de Timbó em direção a atual localidade de Diamante, às margens do Itajaí-Açu. Esta linha de ocupação passou a ser chamada de “Picada de Rodeio” — abertura feita na floresta virgem, à base de machados e foices.

Os primeiros tempos foram, notadamente, ásperos: animais ferozes, índios e doenças se impuseram como obstáculos significativos ao estabelecimento dos primeiros colonos, que só às custas de muita tenacidade, ergueram suas primeiras casas provisórias.

Apesar da Colônia de Rodeio desenvolver-se relativamente bem, as vias de comunicação com Timbó, Indaial e Blumenau eram pre-

cárias. Nos primeiros 5 anos, as viagens eram feitas a cavalo ou de pé, através de estreitas picadas. Para solucionar este problema, organizou-se em 1880, sob a direção de Eugenio Uber, uma comissão encarregada de alargar e melhorar os caminhos que ligavam Rodeio aqueles municípios. Nos 2 anos seguintes, Rodeio achava-se ligada aos principais centros de comércio do Vale, por uma estrada de 5 metros de largura. Terminada esta missão iniciou-se o alargamento dos caminhos que conduziram os demais imigrantes para Dr. Pedrinho. Assim interligado aos principais centros comerciais, o município se encaminhou a largos passos para o progresso material e econômico, o que se verificou principalmente após a emancipação política já no século XX.

Rodeio Centenária

Hoje, o município de Rodeio tem uma população de 8.000 habitantes, dos quais 2.500 localizados no setor urbano, numa área de 165 quilômetros quadrados dos quais 50 % são planícies, 39,6 % de encostas e 10,4 % de áreas montanhosas. A semelhança dos demais pequenos municípios, a população de Rodeio cresce lentamente, à taxa geométrica anual de 1,24 %. O crescimento da população urbana é bem mais acelerado que o da área rural, onde são visíveis os sintomas do êxodo devido à quase completa ocupação das terras cultiváveis.

Com pouco mais de 1.000 propriedades rurais, Rodeio é um município onde as propriedades com menos de 25 hectares, representam 94 %. Os agricultores dedicam-se principalmente ao cultivo do arroz e do fumo, vindo a seguir com menor importância, o milho, a mandioca e a banana.

O arroz, cuja produção em 1972 foi de 50 mil sacas, é comercializado quase que totalmente em Acurra; o fumo é entregue aos depósitos das companhias de Blumenau e sua produção em 1972 alcançou a 30 mil arrobas; a banana é exportada para o Paraná e Rio Grande do Sul; a mandioca é comercializada nos municípios vizinhos, enquanto o milho é consumido nas próprias propriedades agrícolas.

A atividade varejista conta com 46 casas de comércio e o setor industrial, baseado na indústria madeireira e de alimentos, tem progredido face aos incentivos fiscais concedidos pela Prefeitura Municipal, administrada atualmente pelo Sr. Alfredo Berri

Contando com uma agência bancária e posto telefônico, além de um hospital (60 leitos) e um posto de saúde, Rodeio tem uma rede primária de ensino com 16 escolas, além de 4 cursos de 2º grau (3 normal e comercial).

Os principais problemas para o desenvolvimento do município podem ser identificados nos seguintes setores: sistema de abastecimento de água e esgoto sanitário, pavimentação urbana e galeria de águas pluviais.

(Do *O Estado*)

A "modernização" e as elites emergentes: a contribuição alemã

WALTER F. PIAZZA

(GOTTLIEB REIF continuação do número anterior)

E, da fábrica de papel implantada por GOTTLIEB REIF surgiu a «Cia. Fábrica de Papel Itajaí», que, passo a passo, se firmou dentro do contexto industrial brasileiro, de tal maneira que, recentemente, firmou protocolo com a «New Orient Industries Ltd.», de Tóquio, Japão, para constituição de uma nova empresa, com capital social de Cr 50.000.000,00 e participação de 50 % de cada grupo, devendo se dedicar ao plantio de bambu, produção de celulose alvejada de bambu e produção de papel.

10. MARCOS KONDER (Sênior)

Nascido em Schweich, na região do Mosela, Alemanha, a 5 de março de 1854, filho de agricultores, dedicados à viticultura.

Feitos os estudos primários na localidade natal, foi enviado a Treveris, capital do Mosela, onde, no Seminário Pedagógico, obteve, com 16 anos, o seu diploma de professor rural.

Sobrevindo a guerra franco-prussiana de 1870/1871 e como não estivesse ainda em idade do serviço militar foi designado para fazer o registro dos feridos e mortos no Convento de Treveris, transformado em hospital de sangue (29).

Em 1872, Nicolau Malburg, seu conterrâneo, comerciante em Itajaí, S. C., visitando a terra natal, convida-o para ser professor particular de seus filhos, com um salário mensal de Rs. 15\$000, além de casa e comida.

Num vapor de classe mista viajou de Hamburgo ao Rio de Janeiro, e deste porto a Itajaí transportou-se no brigue à vela «Piá».

Nessa ocasião o município de Itajaí abrangia enorme área territorial, onde se incluíam as colônias «Blumenau», «Itajaí» (também denominada «Brusque») e «Príncipe Dom Pedro», e pelo Recenseamento do Império do Brasil a sua população orçava em 16.265 brasileiros e 5.107 estrangeiros, distribuída quanto à situação social em 20.542 livres e 830 escravos, totalizando, pois, 21.372 habitantes (30).

Esclareça-se, ainda, que o porto de Itajaí era, então, a passagem natural e obrigatória de uma vasta hinterlândia que se desenvolvia populacional e economicamente.

Chegado a Itajaí Marcos Konder (Sênior), de entremeio com as aulas tornou-se prestimoso auxiliar da casa comercial de Nicolau Malburg, e devido a sua operosidade, ingressou no quadro de empregados da firma, tornando-se, mais tarde, seu procurador.

Assim, em 1873, já se dedicava inteiramente aos negócios da

firma, desde o atendimento à freguesia até a escrituração dos livros mercantis e a correspondência mais sigilosa e importante.

Nos intervalos das atividades comerciais ainda encontrava tempo para ensinar piano e entre os seus alunos estava Adelaide da Silveira Flôres, filha do latifundiário e chefe local do Partido Conservador, Coronel José Henrique Flôres.

Em 1876 deixava a firma Malburg e estabelecia-se por conta própria.

A 24 de julho de 1877 consorciava-se com a sua ex-aluna de piano, Adelaide Flôres.

Os negócios, entretanto, devido à enchente de 1880, foram prejudicados. Pagou os credores e rumou para o Rio de Janeiro, onde, numa casa comissária portuguesa, aprendeu o relacionamento, com as regras da época, para a exportação de produtos agrícolas. Daí retornou a Itajaí e montou o seu escritório de comissões e despachos, que se tornou a mais importante organização exportadora e importadora daquele porto.

Passou a atuar na compra e exportação de gêneros coloniais, o que lhe deu o desenvolvimento econômico almejado.

Dele há este depoimento:

Marcos Konder (Sênior) “enriquecido com a exportação de madeira, pôde adquirir toda a partilha dos herdeiros e aproveitar assim o grande terreno lateral, onde construiu o atual palacete (de residência), em Itajaí, e ao casar-se em 1877, meu avô (Marcos Konder, sênior) comprou o famoso casarão achatado e comprido, com três portas e muitas janelas. Uma metade servia de moradia e outra, com duas portas, de escritório e armazém”. E completa: “A firma Konder era agente do Banco Nacional do Comércio e do Banco Alemão Transatlântico” (31).

Nasceu, assim, uma sólida organização que seria desenvolvida pelos filhos e genros. Com o fruto do esforço de Marcos Konder (sênior) estudaram Victor Konder (futuro Ministro da Viação do Governo Washington Luiz), Adolfo (futuro Governador do Estado de Santa Catarina), Marcos (o continuador da obra paterna nas atividades econômicas, além de Deputado Estadual e Prefeito de Itajaí, e autor de interessantes estudos e monografias), Arno (diplomata), além das filhas, Evelina (que foi casada com Alois Fleischmann), Marieta (que foi casada com o industrial e Governador de Santa Catarina, Irineu Bornhausen) e Elisabeth (que foi casada com o Sr. Oswaldo Reis, pais do Senador Antonio Carlos Konder Reis).

Marcos Konder (Sênior) faleceu a 30 de maio de 1898, em Hamburgo, Alemanha, tendo sido os seus restos mortais transferidos para Itajaí.

E com o fruto da sua fortuna os seus filhos e seu genro, Alois Fleischmann, implantaram a primeira usina de açúcar em Santa Catarina, a Usina Adelaide, na localidade de Pedra de Amolar, cuja montagem e direção foi executada, a partir de 1918, pelo técnico tcheco, José Briza, que a pôs em funcionamento normal, em 1919.

11. PEDRO CHRISTIANO FEDDERSEN

Nasceu em Tondern, na província de Schleswig-Holstein, na então Prússia, a 5 de outubro de 1857.

Embarcou em Antuérpia com destino ao Brasil, no vapor "Hor-rax", desembarcando no Rio de Janeiro.

No seu país, dono de primorosa educação, abraçou a carreira comercial.

Chegou a Blumenau a 22 de setembro de 1879, contando, pois, 22 anos.

Trazia consigo alguns mil marcos, o que era apreciável fortuna na época, e com parte deste dinheiro comprou um lote no baixo rio do Têsto e outra parte depositou em mãos de Meyer & Spierling, de Blumenau, que, por muitos anos, foi o principal empório comercial da região e que iria falir em 1882.

Já, em 1880, estabelece-se como comerciante, mas, a enchente desse ano, em setembro, destruiu-lhe as perspectivas de desenvolvimento, o que o fez transferir-se para São Paulo. Mas, pouco durou a sua permanência naquela cidade, onde foi vítima de comerciante inescrupuloso, o que motivou o seu retorno à Blumenau.

Em 1882 procurava Feddersen interessar capitalistas na construção da usina hidroelétrica do Salto e prevendo o futuro da área, ali adquiria um lote de terras, na margem esquerda do rio Itajaí-açu, e, logo depois, envidava esforços para efetivar a construção de uma ponte na região, o que se realizou.

Em 1882 contavam-se na colônia Blumenau, às vésperas de sua emancipação, 150 engenhos de açúcar, 152 engenhos de mandioca, 6 descascadores de arroz, 29 moinhos de fubá, 38 engenhos de serrar, 12 olarias, 3 fábricas de louças de barro, 2 tecelagens de algodão, 8 cervejarias, 4 fábricas de vinho e vinagre, 10 padarias, 4 açougues e 2 saboarias, isto para atender uma população de 16.380 habitantes, dos quais 6.290 católicos (38,5 %), 10.088 evangélicos (61,5 %) e 2 judeus!

Por esta época recebeu convite de Gustavo Salinger, importador e exportador estabelecido, para gerenciar a filial que implantava na Itoupava-Sêca.

O esforço de Feddersen, nessa organização, foi incalculável. Dez mil arrobas de fumo e a quarta parte de toda banha vendida em Santa Catarina saíram, anualmente, da firma Salinger (32).

Ao lado de sua atividade comercial Feddersen instalou uma série de atividades industriais, como latoarias, fábricas de caixas e cigarri-lhos, escolha e embalagem de fumos, descascadores de arroz, moinhos de farinha, fabricação de arame farpado, serrarias, tudo inicialmente, movido a vapor, e, em seguida, por força elétrica.

Aos colonos dedicou especial atenção, pois, da sua produtividade dependiam os seus negócios. Assim aos plantadores de cana propiciava moendas de ferro, e tachos de cobre, grandes e rasos, e alambiques, aos criadores de gado leiteiro centrifugas de leite, máquinas de cortar forragem, arados, grades, e quando o lavrador não possuía recursos dava-lhe crédito.

E visando a expansão de seus negócios, obtendo melhores produtos para exportação, estendeu uma rede de 16 filiais pelo vale do Itajaí. Foi possível, após 1880, com processos de seleção das folhas de fumo ex-

pandir a exportação fumageira, para os principais mercados alemães.

Como consequência estabeleceu uma fábrica própria, em Itoupava-Sêca (Altona) de charutos. No tocante ao arroz, visando melhorar o descascamento e a brunidura estabeleceu em Ascurra um grande beneficiamento.

Em 1907, intimamente ligado ao processo de instalação de colonos no vale do Itajaí do Norte (rio Hercílio), pela Companhia Colonizadora Hanseática, propugnou pela construção de uma estrada de ferro, ligando Blumenau à hinterlândia, e, para tanto, interessando capitais alemães, que se destinaram à construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, iniciada em 1903, lembrando-os que tinham no vale do Itajaí um centro de consumo e, portanto, de importação dos seus produtos.

Ainda o seu pioneirismo se fez sentir, como fator de impulso econômico, ao aglutinar forças para a construção da usina hidrelétrica de Salto Weissbach, seu velho sonho, e em cujo empreendimento se associou a G. Salinger, P. Zimmerman e C. Jensen, cabendo os estudos técnicos à firma Bromberg, Hacker & Cia., de São Paulo, e, desta forma, foi construída a usina, que se inaugurou a 1º de maio de 1915, com duas turbinas e dois geradores, com capacidade total de 3.500 kw., fornecendo, em seguida, energia para Itajaí e Brusque e daí se desenvolvendo a Empresa Luz e Força de Santa Catarina.

Mas, na sua ânsia de pioneirismo, que, mais e mais, o exigia, e no sentido de incorporar novas porções territoriais ao contexto social e econômico de Santa Catarina, transforma a Cia. Salinger, da qual era presidente, em sociedade anônima e cria-lhe um departamento de colonização, que se vai dedicar, a partir de 1926, à ocupação do alto vale do Itajaí, notadamente nos tributários do rio Itajaí d'Oeste, onde adquire as concessões de Victor Gaertner, que ladeiam a estrada que abriu entre a barra do rio Trombudo e o planalto catarinense. Daí se infere a visão de Pedro Christiano Feddersen sobre a promissora área que se lhe antepunha.

E, ao lado de atividades econômicas dedicou, Pedro Christiano Feddersen, atenção aos setores sociais, impulsionando a construção do Clube "Teutônia", em 1893, além de patrocinar atividades educacionais. Ligou-se, também, à fundação da Associação Comercial de Blumenau.

Faleceu em Blumenau, a 22 de junho de 1947.

12. GUSTAVO SCHLÖSSER

Nasceu a 9 de dezembro de 1860, de uma família de origem germânica, na localidade de Zgierz, em Lodz, hoje na Polônia, mas que, na época da imigração para o Brasil (1895), estava sob a dominação russa.

A família de Gustavo Schlösser, saiu de Lodz a 8 de dezembro de 1895 e se instalaram em Brusque a 15 de fevereiro de 1896.

O estabelecimento desta família, no Brasil, está assim anotado (33):

Gustavo Schlösser era acompanhado por sua esposa Natália e três filhos menores Hugo, Adolfo, e Carlos. Outros filhos nasceram-lhe no Brasil: Ricardo, Otto e Natália.

Empregado, imediatamente, no empreendimento fabril de Carlos

Renaux e dotado de extraordinários conhecimentos da sua arte — a tecelagem —, orientava, pessoalmente, a fabricação de teares de madeira. E, trabalhando para a indústria de Carlos Renaux permaneceu até 1911.

Concomitantemente os seus filhos Hugo e Adolfo aprenderam as técnicas de tecelagem com o pai e fizeram, ainda, aprendizagem no Rio de Janeiro, tendo, ainda, Adolfo estado em Blumenau na novel Empresa Industrial Garcia.

E, a 1º de janeiro de 1911, Gustavo Schlösser, com os filhos Hugo e Adolfo, teve início a firma "G. Schlösser & Filhos", com o capital de Rs. 6;000\$000.

Dedicou-se, de início, à confecção de tecidos populares.

Em 1933, a 18 de outubro, a firma passou a ser sociedade anônima.

E a 15 de fevereiro de 1935 faleceu o pioneiro Gustavo Schlösser. Continuou, pois, crescendo a empresa.

A Schlösser, em 1970, consumia 374.950 kwh., possuía de capital e reservas Cr 7.753.000, de exigível Cr 5.650.000, de disponível realizável Cr 5.374.000, de imobilizado Cr 5.801.000, e lucro líquido Cr 1.593.000, com um capital registrado de Cr 3.750.000.

Produzia, em 1968, Cr 9.249.000, e, em 1969 Cr 10.387.000, possuindo em termos de pessoal industrial 550 pessoas e no total 637 empregados.

Em 1970, possuía 132 teares (12 ordinários, 48 automáticos e 72 semi-automáticos).

Na época, a sua produção se distribuía entre São Paulo (48 %), Guanabara (22 %) e Santa Catarina (5 %) (34).

Hoje, (1974), pôde-se, assim, resumir o seu quadro técnico e econômico-financeiro: tem um capital, totalmente integralizado, de Cr 21.000.000,00, possuindo moderníssima fiação de algodão com 10.560 fusos, bem como moderna secção de tinturaria e acabamento de tecidos, com remosa, mercerizada, polimerizadeira, jigers e sanforizadeiras, com 220 teares modernos e jacquard, produzindo fios de algodão supercardados e uma linha de produtos que exporta para Alemanha, Dinamarca, Suécia, Canadá, África do Sul, Áustria, Austrália, Bélgica, Escócia, França, Finlândia, Holanda, Itália, Irlanda, Inglaterra, Noruega, Nova Zelândia e Suíça.

Para tanto, a Cia. Industrial Schlösser tem, em 1974, 1.006 empregados.

13. GOTTHARD KAESEMODEL SÊNIOR

Nasceu em Frauenstein, Erzgebirge, na Saxônia, a 4 de julho de 1861, onde aprendeu a profissão de curtidor com seu próprio pai, Luiz Kaesemodel.

Depois de ter prestado o serviço militar à sua pátria, como músico, no Real Regimento de Dresden, migrou para o Brasil, em 1883, juntamente com seu irmão Paulo, indo fixar-se em São Bento (hoje São Bento do Sul).

Com seus recursos (cerca de 75\$000 rs.) empregou-se, inicialmente, no cortume do sr. Rudolfo Klaumann, de quem se tornou cunhado,

pelo casamento, em 1885, com Da. Matilde Doerner, e, em segundas núpcias, com Da. Alvine Juester, a 6 de setembro de 1910.

Viajou para Curitiba, capital do Paraná, para melhor rendimento profissional, empregando-se no cortume do sr. Frederico Müller, de onde retornou a São Bento, e com as economias conseguidas adquiriu um antigo moinho e respectivo terreno, onde, em 1886, montou o seu primeiro cortume.

Os seus produtos eram, na maioria, vendidos em Curitiba, para onde levava-os numa viagem, a cavalo, que durava quatro dias.

Em 1893 voltou à Alemanha para visitar seus pais e adquirir moderna maquinária para seu cortume. Entretanto, uma doença e os fatos advindos do período revolucionário que conturbou o sul do Brasil, especialmente a região de São Bento, causou-lhe prejuízos de monta, e, de certa forma, fez com que tivesse de reiniciar tudo, novamente.

No retorno da Alemanha, trouxe consigo seu irmão Otto, que, inicialmente, ajudou-o no cortume.

Do valor e qualidade da sua produção, fez com que na Exposição do Cinquentenário de Joinville, em 1901 merecesse três medalhas de ouro e uma de bronze.

E, em seguida, recebeu convite para instalar-se em Joinville, com cortume que, mais tarde, vendeu.

A 1º de setembro de 1903 instalou a sua primeira fábrica de colas, para o que se serviu de um rancho de madeira de palmitos, e, em seguida, adquiriu uma máquina a vapor. No ano seguinte construiu-se um prédio de dois pavimentos, sendo a parte térrea de alvenaria e a superior de madeira. Depois, foi gradualmente, ampliando o prédio, onde fez funcionar uma fábrica de massas alimentícias, farinha alimentícia de ossos, adubo, óleo de mocotó e cortume.

Em 1916 o estabelecimento passou a ser de propriedade do seu filho, Gotthard Kaesemodel Júnior, a quem coube a iniciativa de associar à indústria de colas uma de lixas, resultante de uma conjugação de idéias com seu cunhado, Carlos Schulz Jr., que idealizara uma máquina para fabricação de lixas, cujo nome foi registrado "Cometa".

Lado a lado, com o empreendimento iniciado, passou a produzir gelatina, cola de peixe para clarear cerveja e outras bebidas, e cola a frio base de caseína.

Por outro lado a problemática do transporte entre Joinville e São Paulo, maior mercado consumidor de lixas e fornecedor do papel para a sua fabricação levou Gotthard Kaesemodel Jr. a instalar uma fábrica-filial de lixas em Ferraz de Vasconcellos, S. P., mas, toda a maquinária que lhe era necessária foi construída pela matriz em Joinville.

E, pouco a pouco, tornou-se a maior fábrica de lixas do Brasil.

A 1º de janeiro de 1949 com a integração de todo o complexo passou a funcionar a firma Indústria e Comércio Gotthard Kaesemodel Ltda.

Gotthard Kaesemodel (Sênior) faleceu em Joinville, a 10 de dezembro de 1937.

14. ERNST ECKHARDT

Nasceu a 21 de outubro de 1861, em Halle a. de Saale, Alemanha, e faleceu na localidade de Encano, município de Indaial, S. C., a 27 de maio de 1924.

Emigrou para o Brasil em 1878, tendo, na Alemanha, sido empregado de comércio, e, aqui, chegando, fez questão de aprender, de imediato, a língua, e, em seguida, naturalizou-se.

Até 1890 residiu em Itoupavazinha (Estrada da Cachaça), onde foi professor público.

Começou, no mesmo ano, em Salto do Norte, Blumenau, sua indústria, com um tear Schubert & Salzer, comprado na Alemanha, e, mais tarde, importou todas as outras máquinas da sua indústria.

Em 1898, transferiu-se para Itoupava Seca (bairro de Blumenau, hoje), época em que comprou o seu segundo tear.

E, em 1908, mudou-se para Encano, com três teares circulares, dedicando-se à fabricação de camisas e meias de malha de algodão.

Fez Ernst Eckardt duas viagens à Alemanha, ocasião em que comprou máquinas e peças, e seu filho Max, fez uma, com o objetivo de adquirir conhecimentos técnicos, em 1909, após o que esteve na gerência da firma até 1924, quando se retirou, sendo, então, substituído por seu irmão Moritz, até a venda da mesma à Companhia Hering, em 1927.

15. CARLOS RENAUX

Nasceu em Loerrach, no antigo Grão Ducado de Baden, a 11 de março de 1862, filho de Johann Ludwig Renaux e de D. Sofia Ludin.

Estudou no Pedagógico Grão Ducal e no Ginásio de Losrrach.

A 15 de julho de 1877 obteve o certificado de serviço militar voluntário, de um ano.

Em 1878 empregou-se, como aprendiz, no Banco Hipotecário (Kreishypotheken Bank), de Loerrach, onde permaneceu até meados de 1882. E, três anos depois, recebeu da gerência um atestado em que eram salientadas a sua competência, a sua assiduidade e a sua inteligência, lamentando-se, pois, o seu pedido de demissão.

Não podendo seguir a carreira militar, como desejava, em 1882, emigrou para o Brasil.

Chegando ao Rio de Janeiro—onde permaneceu três meses—, daí rumou para Warnow, então no município de Blumenau, onde iniciou a sua carreira como caixeiro da casa comercial do Sr. Lueders. Daí foi para Brusque, em 1888, como gerente de uma filial de Germano Wilerding. E, no ano de 1890, estabelecia-se por conta própria e adquiriu, então, a nacionalidade brasileira.

Até então, na colônia Brusque só se notava incipiente indústria artesanal.

O ano de 1874 apontava aquela colônia com 2.891 habitantes, predominantemente de origem alemã, pois, a partir de 1875 inicia-se o ingresso nela, em larga escala, de italianos (35).

E, até 1886 haviam naquela colônia, contingentes diversos de

alemães, como 250 famílias oriundas do Grão Ducado de Baden, 250 do Schleswig-Holstein, 15 de poloneses do oeste da Alemanha, 18 da Westfália e Renânia, e muitos poucos de outras regiões (36).

Ora a essa população servia Carlos Renaux com sua "venda". E os "vendedores" tem papel importante na economia local, dependendo de suas atitudes o progresso, ou a estagnação econômica da comunidade, pois,

"Os vendedores de Brusque, através do controle do transporte, dos preços das mercadorias, do mecanismo das contas-correntes (que é, assim, explicado pela mesma Autora: "A disparidade entre o preço dos produtos coloniais (muito baixos) e as mercadorias importadas (muito altos) os vendedores tiravam seus lucros"), e dos empréstimos controlavam, no início do século XX, praticamente todas as atividades econômicas do vale do Itajaí-mirim" (37).

E, Carlos Renaux não se contentou com a abstenção advinda da casa comercial, comprou teares e montou uma pequena fábrica de tecidos e, a sua indústria começou a crescer.

Ingressou, também, na política local. Foi superintendente Municipal (hoje Prefeito), Presidente do Conselho Municipal (hoje Câmara de Vereadores) e foi eleito Deputado à 1ª Constituinte Republicana Estadual, de 1891. E, em 1893, demonstrou ser "florianista", quando a vaga "federalista" invadiu Santa Catarina, sofrendo, então, séria perseguição, amainados os ânimos volta-se, inteiramente, para as atividades da indústria e do comércio.

Casara-se, em 1884, com D. Selma Wagner, filha de um pioneiro do desbravamento do Vale do Itajaí—Pedro Wagner—, que lhe deu onze filhos—Max, Sofia, Oto, Oscar, Carlos, Júlio, Carlos, Paulo, Luiz, Guilherme e Selma—, e, enviuvando, consorciou-se Carlos Renaux, pela segunda vez, em 1912, com D. Joana Maria von Schoenebeck, que faleceu em Arinheim, Holanda.

Em 1892 dá-se à implantação da indústria têxtil.

De 1890 a 1896, imigrantes originários de Lodz, em pequeno número se localizam em Brusque.

Procuram, na sede da colônia, aplicar a sua aptidão profissional. Eles são: Karl Gottlieb Pettermann, sua esposa Berta e três filhos menores, Gottlieb Tietzmann, e família, Franz Kreibich e família, Wilhelm Jakowsky e família, Julius Haake, Alvim Schaffel e Eduardo Franz, bem como Gustavo Schlösser, sua esposa Natália e três filhos menores.

Estes artesãos usaram teares de madeira, ali mesmo fabricados.

E Carlos Renaux compreendeu o alcance, com a sua inteligência, o seu dinamismo, a sua capacidade de realização, o que lhe poderia proporcionar "a arte dos tecelões de Lodz" (38).

E a 11 de março de 1892 foram impulsionado os primeiros teares.

Como não havia energia suficiente na vila (Stadtplatz) para impulsionar os teares foi a fábrica de Carlos Renaux instalada na estrada dos Pomeranos, a três quilômetros da sede municipal, para aproveitar a força hidráulica do ribeirão, ali existentes.

Nos primeiros cinco anos de atividade toda a sua produção era comercializada, somente, nos Estados do Sul.

Associado com mais duas pessoas Renaux adquiriu 30 teares usados na Inglaterra e, pouco depois, os dois sócios se retiraram.

Em princípios de 1896 chegava Gustavo Schlösser (vide em local próprio) com seus familiares a Brusque, para colaborar com Carlos Renaux, e dotado de extraordinários conhecimentos técnicos, de forma que, pôde, ele mesmo, em 1911, com seus filhos, Hugo, Adolfo e Carlos, constituir a base da atual Companhia Industrial Schlösser.

Já outros, como Ierke, Rutsch e Tietzmann, possuindo teares em casa, recebiam de Carlos Renaux o material necessário e com os seus familiares fabricavam os tecidos. Por sua vez Wilhelm Jankowsky fornecia o produto do seu trabalho ao comerciante João Bauer (vide em local próprio).

Por volta de 1897, Rudolfo, filho de Gottlieb Tietzmann, montava sua indústria de malharia e tricotagem, adquirindo, de início os teares de Wilhelm Jankowsky.

Para explicar o surgimento desta indústria têxtil há estes argumentos:

“Dois fatores relevantes emergem como motivadores para que um dos vendeiros de Brusque, Carlos Renaux, decidisse instalar a primeira fábrica de tecidos; os altos preços das roupas e tecidos em todas as áreas coloniais e as probabilidades que tinha, como vendeiro, de garantir um mercado seguro para sua produção na própria colônia, mesmo que o custo dessa produção ultrapassasse o preço dos artigos importados” (39).

Em 1900, a partir de dois empréstimos com firmas da Alemanha (1899), empréstimo com P. Hoepcke, de Weimar, no valor de 150:000\$000, com juros de 10 % ao ano, e, 1900, com A. C. de Freitas & Cia., de Hamburgo, no valor de Rs. 200:000\$000, com juros de 12 % ao ano e mais 50 % dos lucros obtidos com o empréstimo), foi possível a Carlos Renaux instalar a primeira indústria de fiação em Brusque, a primeira, também, do Estado de Santa Catarina, contratando um técnico alemão e comprando máquinas usadas na Inglaterra. À fiação sucedeu a instalação da tinturaria.

E ao lado dessa indústria tem-se, em Brusque, em 1916, 68 serrarias, 104 moinhos de farinha, 1 fábrica de tijolos, 1 tornearia, 6 carpintarias, 1 fábrica de charutos, 116 engenhos de açúcar, 3 cervejarias, 4 cortumes, 1 destilaria e 1 fábrica de vinagre (40).

Em 1920 Carlos Renaux resolve residir na Europa. Fixa-se em Arnheim, na Holanda, e, em 1922, muda-se para a cidade alemã de Baden-Baden, tendo sido nomeado Cônsul brasileiro nessas duas cidades.

Enviuvando, pela segunda vez, consorcia-se, em Baden-Baden, com D. Maria Luiza Augusta Lienhaerts, que faleceu, em Brusque, em junho de 1939.

Voltou a Brusque, onde, sob a supervisão dos filhos Oto e Guilherme, os seus empreendimentos prosperavam, mas, mesmo assim, dirigiu-os até 1937.

Neste interim, sob a inspiração de seu filho Oto, nascia a 27 de abril de 1925, com o capital de Rs. 600:000\$000 as “Indústrias Têxteis Renaux S/A”.

E, qual a razão desta outra indústria nascida do espírito empresarial dos Renaux:

“O grande comércio e as casas de moda das principais capitais conheciam os panos para cortinas e tecidos de decoração, importados em escala reduzida, de procedência alemã, francesa e inglesa. Surgia, pois, um novo produto, em campo duvidoso e arriscado, por que havia necessidade imperiosa de educar o povo, as famílias, a usar cortinas na decoração e embelezamento de seus lares”.

Para tanto um dos sócios, Otto Neitsch, viajou para a Europa, onde adquiriu 12 teares Jacquard e 6 teares maquina, marca Gentsch, ambos com largura de 170 cm.

Em princípios de novembro de 1924, deu-se início à montagem das máquinas e em março de 1925 — antes, portanto, da constituição da empresa — teve começo a produção de tecidos dos tipos “Madras” e “Bagdad”.

Há, dos inícios desta indústria, este depoimento:

“Os primeiros anos foram dos mais difíceis, devido à limitada procura desses panos por parte do mercado consumidor. Havia, pois, necessidade de estimular as famílias a enfeitarem as janelas com tecidos apropriados. Entre as honrosas preferências dos primeiros anos está a do Governo do Estado, incumbindo de fabricar cortinas para o Palácio, muito admiradas à época, por que, numa feliz concepção, foram lavrados, no tecido, as armas e o brasão do Estado de Santa Catarina”.

Nas “Indústrias Têxteis Renaux S/A” foi, em 1938, instalada uma fiação para fios cardados, completada, em 1942, com instalação para produção de fios penteados, para consumo próprio. Hoje, o seu parque é de 182 teares e 11.328 fusos, tendo cerca de 700 empregados.

Poder-se-ia concluir este trabalho utilizando-se esta análise:

“Foram, portanto, três as causas determinantes da industrialização de Erusque, com base na tecelagem: a existência de capital local garantido pelo comércio; a potencialidade de um mercado consumidor na região; e a existência de mão-de-obra aproveitável entre os agricultores, reforçada pela presença de alguns artífices especializados na fabricação de tecidos, que funcionaram como orientadores dos demais” (41).

E, acrescente-se: o espírito empresarial e “modernizador” de Carlos Renaux, que faleceu a 28 de janeiro de 1945.

Deve-lhe a sociedade catarinense, em especial, e a brusquense, em particular, empreendimentos como o Hospital Arquidiocesano, construído no arrabalde de Azambuja, a construção da sede própria do Sindicato de Tecelagem, a contribuição para a construção de sedes de clubes e praças de esportes, e, ainda, a construção da sede do Tiro de Guerra, num preito cívico à pátria brasileira, bem como instituiu, em 1936, a “Sociedade Cultural e Beneficente Cônsul Carlos Renaux”.

Em 1970, a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux e as Indústrias Têxteis Renaux S/A. consumiam, respectivamente, 694.470 Kwh. e quantidade não avaliada. Na mesma ocasião a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux tinha o custo de sua produção em 11,60% absorvido pela

mã o - de - obra, 34,10% pela matéria prima, 4,32% pelos insumos secundários, 2,35% pela energia, 16,30% pela tributação, 7,32% pela administração e 24,01% por outros fins.

No mesmo levantamento, a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux e as Indústrias Têxteis Renaux S/A. apresentam-se, respectivamente, com capital e reservas de ordem de Cr\$ 20.936.000,00 e 10.733.000,00, exigível da ordem de Cr\$ 9.223.000,00 e 2.719.000,00, disponível realizável na casa dos Cr\$ 18.066.000,00 e 5.984.000,00, imobilizado num montante de Cr\$ 12.062.000,00 e 7.736.000,00.

Em 1969, as duas empresas — Fábrica de Tecidos Carlos Renaux e Indústrias Têxteis Renaux S/A. — possuíam, respectivamente, para um capital de Cr\$ 17.224.000,00 e Cr\$ 4.284.000,00, um total de 2.357 e 630 operários, num quadro geral de 2.574 e 690 empregados.

E, em 1970, a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux possuía 290 teares, dos quais, apenas, 47 automáticos (42).

16. JOÃO BAYER (sênior)

João Henrique Bayer, esse o seu nome de batismo, era filho de João Bayer, natural da Baviera, e de D. Albertina Catarina Bayer, natural de Hanover, embarcaram em Bremen, com destino a Montevideo, ele tentando “fazer a América” e ela destinada a ser preceptora na casa de abastada família alemã da capital uruguaia. Casaram-se em Montevideo, depois de namoro durante a viagem.

Foram, em seguida, estabelecer-se com casa comercial em Dolores, na Província de Santa Fé, na República Argentina. Aí nasce João Henrique, a 20 de abril de 1870.

Entretanto, devido à desonestidade de um seu sócio que, na sua ausência liquidou com a casa comercial e fugiu com o produto do negócio inescrupuloso, teve João Bayer que procurar nova forma de desenvolver-se economicamente.

Parte para o Rio de Janeiro, daí para Santa Catarina, onde aporta em Santa Catarina e segue a corrente imigratória que da colônia “Brusque” segue para o divisor de águas entre os vales do Itajaí mirim e do Tijucas, situando-se no km. 16, denominado “Aliança” (hoje sede do distrito de Claraíba, município de Nova Trento), instalando-se, aí, com Casa comercial. Era 1874.

João Henrique Bayer — o nosso João Bayer (sênior) — vai, entretanto, ver outras terras, foi para Paranaguá empregar-se no comércio, voltou a Santa Catarina, trabalhando, também, no comércio da então Desterro (hoje Florianópolis), retornando à “Aliança”.

Casou-se, ali, a 10 de maio de 1891, com D. Matilde Klann, nascida em 1870 e que chegou ao Brasil com quatro anos de idade, filha de Augusto Klann e D. Joana Guilhermina Klann, naturais da Alemanha, e de cujo consórcio nasceram dezessete filhos.

Em 1893, contratou a construção de um trecho da estrada de rodagem que se construía de Tijucas a Nova Trento e fixou-se, então, em Tijucas.

Iniciou-se, nesse ano, com uma pequena casa comercial, um pequeno hotel, pequena fábrica e um modesto serviço de transportes, servindo à estrada que ajudara a construir.

Em 1901 aumentava a sua casa comercial, já em prédio próprio, e aumentava, também, os serviços de transportes, adquirindo pequenos barcos.

Na década de 1920 a 1930 sua casa comercial tornou-se um grande empório, e esse crescendo atinge o climax em 1935, quando interessando a família numerosa organizou a JOÃO BAYER S/A, a maior empresa da praça e uma das maiores do Estado, explorando o comércio, a indústria, a agricultura e a navegação.

Vale um testemunho: (43)

“O seu fraco era a pequena indústria. Achava que as grandes eram absorventes e não melhoravam o padrão coletivo. E, assim, ele estimulava, ajudava, associava-se a todas as iniciativas. Por toda parte, nos municípios de Tijuca e circunvizinhos, andavam os seus interesses, aqui, numa serraria, ali, num engenho, acolá num arrozal ou numa fabriqueta. E um dos seus maiores negócios era o financiamento da lavoura, principalmente de arroz, café e açúcar, e a distribuição de sementes a todos sem distinção (o que podia fazer pelo largo crédito de que gozava e dispunha), negócios esses em que, aliás, por sua boa fé e bondade, não auferia grandes lucros. Homem de coração dizia, sempre, que o sol nasceu para todos.

“Acudindo as dificuldades de transporte para os produtos de sua exportação, mantinha uma frota de veleiros, que faziam as linhas costeiras de cabotagem, de Laguna a Cabo-Frio. Os navios maiores ancoravam em Ganchos e os menores entravam em Tijuca”.

Por esses motivos teve, para o bem comum, de ser político: vereador municipal, Prefeito, suplente de juiz de Direito e membro do Conselho Consultivo Municipal.

Como homem de visão, pioneiramente, introduzia os últimos resultados da técnica: assim o fez com o automóvel, a bicicleta, o gramofone, a motocicleta, o rádio.

Do seu dinamismo resultou que 30 % dos impostos federais, estaduais e municipais arrecadados em Tijuca, eram frutos da sua organização.

O Coronel (da Guarda Nacional), João Bayer (Sênior) faleceu em Tijuca, a 12 de março de 1936, e sobre o seu brasileiro melhor diz a afirmação de seu filho (Dr. João Bayer Filho) à crítica de ilustre homem público: (44).

“E os princípios e os propósitos em que a minha educação se alicerça, são tão brasileiros, tão afins ao sentimento de brasilidade, que eu nem mesmo falo o alemão, e sou tão brasileiro, tão patriota, como outro qualquer que, nascido nesta terra, mais o seja”.

Era o fruto da educação do imigrante João Bayer (Sênior), — também, inúmeras vezes, repetido em outros lares das áreas de imigração do Brasil-Sul!

N O T A S :

- (1) ZIPPERER, Josef., Sen. *São Bento no passado: reminiscências da época da fundação e povoação do município*. Curitiba, Tip. João Haupt, 1952, 193 p.
- (2) PIAZZA, Walter F.. *A Colonização italiana em Santa Catarina; nota preliminar. Blumenau em Cadernos*. Blumenau, 15 (6): 87 - 89, jun. 1974.
- (3) SILVA, José Ferreira da. *Cervejarias de Blumenau. Blumenau em Cadernos*. 3 (9): 161-170. set. 1960.
- (4) BLUMENAU, Dr. Hermann B. Otto. *Relatório sobre a Colônia Blumenau. Blumenau em Cadernos*. 1 (3): 43-44. jan. 1958.
- (5) BLUMENAU, Dr. Hermann B. Otto. *Quarto relatório da Colônia Blumenau. Ano de 1853. Blumenau em Cadernos*. 1 (6): 103-108. abril 1958.
- (6) BLUMENAU, Dr. Hermann B. Otto. *Relatório de 1856. Blumenau em Cadernos*. 2 (1): 2-4. jan. 1959.
- (7) LIBERATO, Celso. *O Palheta. Blumenau em Cadernos*. 7 (5): 81-85. maio 1965.
- (8) CALLADO, Petrarca. *Comandos Socialistas*. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado 1947. 93 p. Ref. à p. 34.
- (9) HERING, Gertrud G. *Bruno Hering. Blumenau em Cadernos*, 4 (12): 234-238. dez. 1961.
- (10) *Memórias de Max Brueckheimer. Blumenau em Cadernos*. 10 (9-10); 157-203. set - out. 1969.
- (11) CALLADO. cit. p. 36.
- (12) LAGO, Paulo Fernando. *A indústria têxtil catarinense*. Florianópolis. CODESUL, 1970. 67 p.
- (13) LAGO, Paulo Fernando. *A indústria têxtil catarinense*. Florianópolis, CODESUL, 1970. 67 p.
- (14) *Empresa Nacional de Navegação Hoepcke*. in *Revista Paulista de Indústria*. São Paulo, 4 (26): 84-87. set. 1954.
- (15) FICKER. *História de Joinville, crônica da Colônia Dona Francisca*. Joinville, Imprensa Ipiranga, 1965. 447 p. cit. p. 133.
- (16) FICKER. cit. p. 149.
- (17) FICKER. cit. p. 156.
- (18) FICKER. cit. p. 212.
- (19) FICKER. cit. p. 232.
- (20) FICKER. cit. p. 261-262
- (21) FICKER. cit. p. 311.
- (22) SEYFERT. *A colonização alemã no vale do Rajat-mirim*. p. 41.
- (23) GEVAERD, Ayres. *A usina hidroelétrica de João Bauer. Blumenau em Cadernos*. 14 (9): 178-180. set. 1973.

- (24) *Memórias de Max Brueckheimer. Blumenau em Cadernos.* 10 (9/10): 157-203. set. out. 1969.
- (25) STAHLER, Ela Reif. *A história de um benemérito pioneiro. Blumenau em Cadernos.* 13 (8): 141-150. agosto 1972.
- (26) KONDER, Gustavo. *Uma história secreta agora revelada. Blumenau em Cadernos.* 11 (5): 104-106. jun. 1970.
- (27) STAHLER, op. cit.
- (28) STAHLER, op. cit.
- (29) VIANNA, Carlos. *Marcos Konder Senior. Revista Genealógica Brasileira.* São Paulo, 5 (9): 117-119. 1º set. 1944.
- (30) PAIVA, Arcipreste Joaquim Gomes d'Oliveira e. *Notícias Gerais da Província de Santa Catarina.* Desterro, Tip. Regeneração, 1873. 35 p. - 16 p. Notas (Referência "Mapa estatístico" anexo).
- (31) KONDER, Gustavo. *Reconstituindo um longínquo passado. Blumenau em Cadernos.* 11 (9) 174-176. set. 1970.
- (32) CALLADO. *Comandos socialistas.* p. 48.
- (33) GEVAERD, Ayres. *Os tecelões de Lodz na história de Brusque. Blumenau em Cadernos.* 5 (3): 45-47. março de 1962.
- (34) LAGO, Paulo Fernando. *A indústria têxtil catarinense.* Florianópolis, CODESUL (Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul), 1970. 67 p.
- (35) SEYFERTH, p. 42.
- (36) SEYFERTH, cit. p. 42.
- (37) SEYFERTH, cit. p. 116.
- (38) GEVAERD, Ayres. *Os tecelões de Lodz na história de Brusque. Blumenau em Cadernos.* 5 (3): 45-47. março 1962.
- (39) SEYFERTH, cit. p. 124.
- (40) SEYFERTH. cit. p. 122.
- (41) SEYFERTH. cit. p. 127.
- (42) LAGO, Paulo Fernando. *A indústria têxtil catarinense.* Florianópolis, CODESUL, 1970. 67 p.
- (43) VIANNA, Carlos. *Homenagem póstuma ao Grande propulsor do progresso de Tijucas, Cel. João Bayer.* s/local, editor e data. 18. (sem numeração).
- (44) SÓ, Paulo & Bayer, E. *Dr. João Bayer Filho, traços biográficos* Rio de Janeiro, Gráfica Gamboa, 1963. 72 p. (citação à p. 9).

IV. Conclusões

Ao estabelecer a relação da imigração com o quadro geral da economia catarinense e o processo "modernizador", resultante do esforço

das elites emergentes (1), temos, como conclusões, ainda que preliminares (pois baseadas em amostra efetuada ao acaso):

1. em todos estudos levados a efeito, — num total de 16 (dezesseis) — ressalta a *origem urbana* — no país de origem dos elementos enfocados, o que lhes dá, desde logo, um contacto íntimo com a ação “modernizadora”, que se processava na Europa, como fruto da Revolução Industrial;

2. ressalta, ainda, que bom número dos elementos constante da elite emergente focalizada *teve, no país de origem, formação intelectual, e, algumas vezes, experiência profissional no ramo que empreendeu sua atividade em terras brasileiras*, tendo, pois, condições de avaliar a problemática enfrentada;

3. sente-se, ainda, que, na maioria dos casos, *teve como fomentador da sua atividade, o contato renovador com a pátria-mãe*, quer através da aquisição de nova tecnologia, quer através da ampliação de mercado consumidor ou, ainda, na obtenção de financiamentos ou novos capitais vitalizadores do empreendimento levado a efeito no Brasil;

4. de outra parte, *emerge, no tocante à formação do capital, necessário ao empreendimento, que ele foi resultante do comércio de produtos primários da economia brasileira, ou então foi gerado pela exportação desses mesmos produtos primários*; e,

5. *ressalta, finalmente, a atuação dessa elite emergente, não só no campo econômico, mas, também, como liderança social e política*, quer pela atuação no âmbito restrito da sua comunidade, quer no âmbito amplo da região, ou, ainda, ultrapassando os limites do regionalismo.

Este trabalho, sobre ser uma análise à contribuição das “elites emergentes” ao processo de “modernização” do Brasil, ressalta como prova incontestada de que “eles acreditaram no Brasil”!

(1) Tomou-se como orientação metodológica os estudos de HERSKOVITS, M. J., *A motivação e o padrão cultural na mudança tecnológica*. p. 13-48, WOLF JR., C. *As instituições e o desenvolvimento econômico*. p. 49-88, e BAUER, C. *O desenvolvimento econômico e urbano, implicações sociais*. p. 89-117. in. *Aspectos sociais do crescimento econômico*. — Salvador, Universidade da Bahia, 1958. 117 p.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 20,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

FIM DE BAILE

C. GAERTNER

O acordeão de oito baixos! A monótona melodia languidamente repetida! Os pares dançando, batendo com os pés, levantando núvens de poeira do soalho de tábuas rústicas. Um dança, de botas, tilintando as esporas, outro, com o chapéu de abas largas, bamboleando o barbicacho. Os galos amiúdam na madrugada sonolenta. Na sala, a luz mortiça dos lampeões bruxuleando já no fim do querosene. Uma rabeça crioula, encordoada com tripas de mico, acompanha o acordeão, ringindo.

Num dos vigotes está ostensivamente dependurado um lenço, pois é marca de damas. Estas escolhem os seus pares batendo-lhes de leve no braço com um lenço, ou, de lenço na mão, convidando-os: "Vancê! Vamo dançá esta moda?"

Bebeu-se chimarrão, café com bolinhos e muita pinga. Mas não houve briga. O baile era de respeito.

Alguns, à luz da lua conjunta com a luminosa estrela matutina, já estão encilhando os cavalos para a retirada. Outros, em despedida, apertam-se as mãos, tocando depois com elas o ombro esquerdo do amigo e tornando a apertá-las. Há os que simplificam o gesto largo levando simplesmente a ponta dos dedos ao antebraço direito do amigo e reapertando em seguida as mãos. É um abraço simbólico com uma afirmação e reafirmação de lealdade.

Outros, cansados de dançar,

chimarreiam, conversam, ou jogam baralho em cima de uma carona, no paiol. Parece que entre dois deles há um desentendimento qualquer, pois se ouve:

— Não se meta nesse negócio, porque tem espinho!

Ao que o outro responde com empáfia e ao pé da letra:

— Gosto de roçá terra de espinho, porque dá bom milho!

(O sertanejo procurava terras férteis para as suas pequenas plantações, e a única maneira que tinha para reconhecê-las, além da coloração e do humo, era a observação das plantas que nelas nasciam espontaneamente. Verificaram, assim, que a terra onde houvesse Jaguarandis, suçuaiás, patas-de-vaca nhapindás, samambaias-de-cruz (feto macho brasileiro) e algumas outras variedades vegetais eram férteis. Essa a razão da sua resposta gauchesca.)

Noutro grupo, uma sertaneja esperta e vivida advertia o filho, curumim duns dez anos:

— Olha, João Maria, hoje vamos visitá tua madrinha, a comadre Almerinda, lá na fazenda. Você se comporte. tire o chapéu, ponha as mão e peça a benção. Se ela convidá pr'armoçá, se a lembre que eles tomam a sopa antes do armoço! Não me vá fazê fiasco e querê botá farinha na sopa!

(A recomendação tinha uma boa justificativa. Uma das peculiaridades da alimentação do serto-

nejo era o "caldear". Caldear significa tomar, depois da refeição, um prato de caldo de feijão engrossado com um pouco de farinha de biju. Mesmo os bebês com dois meses de idade já entravam no seu caldinho de feijão.

— O sertanejo, satirizando os seus próprios hábitos, conta que um tropeiro, tendo carregado os animais e levantado acampamento do lugar da sesteada, depois de viajar dois quilômetros, lembrou-se de que não tinha caldeado! Não teve dúvidas: regressou ao lugar da sesta para caldear!)

Aos poucos os homens com suas famílias vão se retirando, saudando o dono da casa, em alegre algazarra, convidando-o para outros folgedos, pescarias ou caçadas. As mulheres, com largos e compridos roupões de montaria, cavalgavam em selins de banda, nos quais ambas as pernas ficam do mesmo lado, a direita passada pelo gancho do selim e a esquerda estribada. Eram hábeis cavaleiras nesse tipo de sela, mesmo em animais ligeiros, araganos ou pas-sarinheiros.

Os jovens, trescalando àgua-florida de Murray, largos lenços de tricoline ao pescoço com as pontas seguras por passadeiras metálicas, cavalgando fogosas montarias apertadas com serigotes chapeados, pelegos lanudos e coloridos, brancos e frescos cochonilhos, badanas de veado pardo, aparelhos de couro de anta ametalados, e laços nos tentos, arrojavam, fazendo-os cabriolar e empinar, os nêdios cavalos de belas crinas e de caudas amarradas em laços festivos. Vão se afastando buliçosamente, rindo, gritando, lembrando episódios da noitada. Ouvem de longe

a monótona toada da gaita que lhes chega através da limpidez da fresca madrugada, e vão repetindo, insensivelmente, o ingênuo e monótono refrão: "De manhã bem cedo / Com o sol bem quente / Um amor de longe / Ai, maltrata a gente."

E assim terminava, em geral, um dos divertimentos dos nossos antigos planaltinos, quando não emendavam ao baile um animado jogo de caxola. Jogo simples como o próprio sertanejo. Um deles tirava da guaiaca o caxoleiro, isto é, uma moeda de cobre de dois vinténs ou quarenta réis. Outro colocava uma taboinha, equilibrada em gangorra, em cima de um pedaço de madeira. Numa das extremidades era colocado o caxoleiro e na outra era dado um golpe seco com o cabo do relho, lançando a moeda para o alto. Corriam todos, acompanhando o vôo da moeda, para observar sua queda e ver se ficava para cima o lado da cara ou o lado da coroa. Ganhava aquele que o tivesse escolhido. Geralmente o jogo era barato, um cruzado, mil réis, um patacão e mesmo cinco mil réis. Havia, às vezes, jogos violentos de quinhentos mil réis a queda. Era parada de fazendeiro muito rico ou de jogador inveterado.

Outros jogavam o truco, barulhentemente gritado. De quando em vez ouvia-se o clássico "Truco, papudo!" e o jogo prosseguia animado.

Além dos bailes e dos jogos, os sertanejos divertiam-se também com as caçadas e pescarias, e com as corridas de raia, cancha reta com a extensão de uma ou duas quadras castelhanas ou portuguesas. E, periodicamente divertiam-se com as festividades religiosas do Divino, de Santo Antônio, São

João e São Pedro, de São Sebastião e de São Bom Jesus. Nesses bons tempos de alimentação farta e barata, as festividades religiosas prolongavam-se por dias seguidos, e as novenas duravam exatamente nove dias, antecedendo a efeméride do santo. Os mais abastados vinham ocupar as casas que, para isso, tinham construído no arraial. Outros alojavam-se em barracas. Na festa, além dos comensais e bebês, havia música, jogos, desafios, bailes, fogueiras, paus-de-sebo com uma desafiadora nota de duzentos mil réis no seu alto topo como prêmio ao vencedor, tiro ao alvo, corridas de muare e de animais cargueiros, e outras inocentes brincadeiras.

Antes da glória Campanha do Contestado, o sertanejo planaltino, regra geral, era bom, caridoso, servidor, pacífico, alegre e brincalhão, amigo da mais absoluta lealdade, e desregradamente hospitaleiro. O caboclo mais pobre dispunha da sua vara de suínos. Os costumes eram simples e a moral rígida. Havia ausência de preocupações maiores e eram felizes a seu modo, embora desconhecendo a máxima do sábio hindu de que "O êxito consiste na obtenção do desejado, e a felicidade em desejar o conseguido."

Após a campanha, que lhes trouxe "sangue, suor e lágrimas", veio aquilo que a ferrovia recém-construída podia trazer: entraram gentes de outros povos, apareceram novos hábitos e costumes, diferentes sistemas de vida,

vieram mercadorias desconhecidas como o gramofone "RCA Victor" e seus discos da Edison ou da Odeon, apareceram novas armas destronando o facão e a "Lefaucheux", e o poder do coronel foi ficando cada vez maior à medida que se tornava cada vez mais rico. De roldão com as boas coisas veio também uma moral mais laxa, entraram os exploradores, vieram os embusteiros, apareceram os criminosos foragidos de outras terras. E os nossos sertanejos foram se sentindo deslocados no seu próprio meio, estranhos na sua própria terra, ridicularizado nos seus costumes, pagando um preço muito alto pela "civilização": estavam perdendo a sua paz e o seu sossego e entrou em crise o seu sistema de vida. Além do coronel que, afinal de contas, era um dos seus, surgiram outros, mais fortes e poderosos, mais egoístas, procurando expulsá-los das suas terras férteis e da sua floresta amiga, exigindo o pagamento de arrendamentos e de impostos, ameaçando-os com a "justiça", apertando, oprimindo, reduzindo e limitando o seu mundo de liberdade e com cercas e porteiras. Foram, então, mergulhando para o oeste, cada vez mais longe, rumo à fronteira paraguaia, porque do fundo daquela parcela do inconsciente racial coletivo que lhes tocava pelo sangue indígena, sem que disso tivessem consciência, surgia, poderoso, o desejo e a necessidade atávica de procurar o Mundo sem Porteiras, quimérico equivalente dos sonhados rincões da terra sem Maldade.



Geoecologia Atmosiérica

A. SEIXAS NETTO

(*Continuação do número anterior*)

Em linhas gerais, apreciaremos o que deve ser a conservação dessas Florestas reduzidas:

O que é uma FLORESTA REDUZIDA: Por uma razão ainda não conhecida e devido a leis geofísicas não descobertas ainda, — e, em realidade, a Ciência contemporânea nada conhece da estrutura da Terra como Planeta, e o que chega a conhecer não passa de superficialidade —, as Grandes Florestas não se distribuem nos cinturões geográficos Equatoriais ou Tropicais uniformemente. Para o seu *campo* genético devem contribuir a geologia, a ação solar, e outras atividades cósmicas. A Floresta, em verdade, depende do solo onde processos fisicoquímicos especiais lhe dão características, formas, família, e vida, enfim. As Florestas são grandes condensadores d'água na Natureza da Terra e, logo, fontes de grandes mananciais e rios. Da mesma forma, as Pequenas Florestas. Uma Pequena Floresta possui suas árvores típicas e básicas e sua arbustização e ervanária subsidiária; tem, igualmente, as Pequenas Florestas, sua faunologia própria, como co-participante no processo do ecologismo. De modo geral, as Pequenas Florestas são apêndices ou satélites das Grandes Florestas e surgem de modificações geológicas de superfície.

(Um exemplo: A proporção que muda o "facies" das terras circundantes das grandes florestas, mudam, também, o "facies" das ilhas florestais surgentes e a sua faunologia.) A tendência natural da superfície seca da Terra entre os paralelos de 50° norte e sul, é florestar-se; a Floresta é uma Vida típica, imposta pelas reações do núcleo estelar da Terra, para dispor dos gases gerados por essas mesmas reações. Se deixarmos a Natureza livre, ela produzirá Florestas; a Natureza mesma, enquanto houver pulsação no núcleo terráqueo, não produzirá desertos; os desertos são decorrências das ações geológicas, no prosseguimento da encrostação planetária. E como se podem recuperar as Grandes Florestas? Simplesmente deixando-as intocadas e prosseguindo seu ciclo vital. E para recuperar a Fauna, que é parte integrante da Floresta, inclusive o homem, quando em estado silvícola, deve-se, simples e unicamente, manter intocadas as espécies. As grandes Florestas do Planeta, já agora de suma importância para o ecologismo, não devem ser tocadas. E o homem atual deve pensar na formação de seus "parques madeireiros"; como pensa em suas lavouras e agriculturas; as árvores madeiras, de uso, devem ser criadas como mega-hortaliças. O remédio ecológico é simples; saberá, todavia, o homem entendê-lo e usa-lo para seu próprio benefício e sua própria vida?

Há um panorama importante a apreciar: A queima das Florestas. Quando ocorre incêndio nas florestas, produz-se uma série de fenômenos importantes, compondo um grupo de GEOMETEOROS DE EMERGENCIA

A queima da madeira leva à produção de vapor d'água: o calor da queima produz correntes aéreas ascendentes que levam a fumaça e o vapor d'água a ela associado, a grande altura, —(de 1.500 a 3.000 metros)—, onde o ar é resfriado; com o decréscimo do calor a umidade condensa-se e cai em forma de chuva. Pode dizer-se então que a Natureza defende-se: Provocando da sua combustão a chuva que a apagará.

É preciso referir que, atualmente, —(1975 — 1985)—, as Florestas consomem, por ano, 560 bilhões de toneladas de CO₂ e produzem 405 bilhões de toneladas de Oxigênio. Ao nosso cálculo, porém, com as florestas recuperadas, a produção deverá ser 1,2 trilhões de toneladas de CO₂ e 900 bilhões de toneladas de Oxigênio. Para uma atmosfera perfeita os valores seriam de 3,5 trilhões de toneladas de CO₂ e 3,1 trilhões de toneladas de Oxigênio.

Capítulo Décimo-Primeiro: FLORESTAMENTO E REFLORESTAMENTO. A MEGAHORTALIÇA MADEIREIRA

Entendemos que há enorme diferença entre o FLORESTAMENTO e o REFLORESTAMENTO. O florestamento é deixar livre a Floresta para se reproduzir em seu próprio *habitat*. O Reflorestamento nada mais é que trazer às áreas de antigas florestas aniquiladas pelo homem as suas próprias árvores típicas e ambientais, uma vez que, liquidada a floresta, está, igualmente, liquidada sua faunologia, e ela não se pode recuperar por simples milagre, mas por ofício dos seus componentes: já a Floresta se pode recuperar pelas sementes guardadas latentes no solo. As Florestas se recuperam pelo trabalho diligente dos grandes semeadores da Natureza: Os animais particulares aos tipos de florestas. Lançar rãvores estranhas num dado *habitat*, é destruir a ordem permanente nos ciclos vitais desse *habitat* porque, falta-lhe, de paralelo, seus animais típicos e participantes. Por isto, há o homem que deixar as Florestas restantes se florestarem e providenciar, nas áreas que ele destruiu, sua recuperação e recomposição por florestamento, se houver possibilidade, ou então, pelo reflorestamento se nada houver originário. Reflorestamento é como revitalização, e é preciso observar a lei que impomos: Só o semelhante revitaliza o semelhante no seu *habitat*.

Mas o homem consome madeira, por industrialização, e não por aproveitamento das fezes florestais, que são as árvores mortas e secas pelo ciclo normal. Essas fezes florestais, foram os elementos das fogueiras antigas que permitiam as utiidades de aquecimento e cosimento e até mesmo de iluminação; foram, pelo curso natural, a estrutura dos carvões-pedra e dos óleos pêtreos. (A petrificação é o último estágio da Vida natural das Florestas dentro da Natureza). (19) Contemporaneamente, há que tomar uma diretriz ecológica: Deixar as Florestas serem Florestas e criar parques de *megahortaliça madeireira*, tão próximos quanto possível ao antigo *habitat* florestal havido no local. Existe uma interpretação, um tanto errônea, de pensar que arvores possam ser aclimatadas ao campo geológico e ao meio aéreo. A árvore, em última consequência, não se adapta; por contrário, é ela quem produz lentamente uma adaptação do solo e do mar aéreo cercante a si mesma. Como ser capaz de metabolismo, ela busca, vagarosamente, criar seu meio vital. A noção da megahortaliça madeireira ou celeiro de madeiras, que estamos propondo, é importante, por isto. E deve ser observado que, com o curso do Tempo, esses celeiros terão o mesmo padrão típico que existe nas zonas onde essas micro florestas são

nativas. As árvores retornam à sua origem ou deformam-se estruturalmente, mas não se adaptam passivamente ao solo e ao clima diverso circundante. Modifica-os, porém. Daí a regra que surgiu de nossa experiência sobre o assunto: É impossível adaptar uma árvore ao solo e clima diverso, porque ela, lenta e progressivamente os modifica até formar em torno de si seu habitat nativo.

19) — Processo geral de fossilização subterrena, a estágios distintos de temperatura e pressão rígida.

(*Continua no próximo número*)

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

Estes nossos periódicos comentários sobre livros e autores catarinenses dependem essencialmente de uma coisa: da sobrevivência de nossa literatura. Quando dizemos “nossa literatura”, referimo-nos, naturalmente, ao que se escreve em nosso Estado.

E essa sobrevivência não é fácil de ser mantida. A chama que incentiva o autor catarinense deve ser conservada acesa. Mas como fazê-lo? Uma das fórmulas encontradas foi a realização, no ano passado, do Encontro de Autores Catarinenses, uma iniciativa partida da Editora Lunardelli e que logo teve o aval dos órgãos culturais catarinenses. E a dose vai ser repetida em 1975, para satisfação nossa e de todos os que acompanham o desenvolvimento das letras em nosso Estado. Estou recebendo um convite para participar do IIº Encontro de Autores Catarinenses, a realizar-se nos dias 25 e 26 de julho, em Joinville. A promoção continua sendo da Lunardelli e tem o apoio da Academia Catarinense de Letras, Conselho Estadual de Cultura, Secretaria da Educação e outros órgãos correlatos. A “Casa da Cultura”, em Joinville, vai abrigar os participantes do “Encontro” e os debates versarão sobre “Edição de Livros e Direitos Autorais” e sobre “O Livro Catarinense e sua Divulgação”. Além de outras promoções, haverá a análise e votação dos Estatutos da Associação Catarinense de Escritores, com a eleição e posse da primeira diretoria. Vai haver também uma sessão de depoimentos, quando diversos autores falarão sobre a sua participação e posicionamento no panorama das letras de Santa Catarina. Fazemos votos de pleno êxito para este IIº Encontro de Autores Catarinenses, que em tão boa hora será realizado.

TENDÊNCIAS DO FEDERALISMO NO BRASIL - Oswaldo Ferreira de Mello—Editora Lunardelli—1975.— Esta obra acaba de sair do prelo. É um livro essencialmente nosso: editado e escrito por catarinenses. O Prof. Oswaldo Ferreira de Mello já foi Presidente do Conselho Estadual de Educação e também já exerceu as funções de Diretor da Faculdade de Educação da UDESC.

Atualmente está lecionando no Curso de Pós Graduação em Direito do Estado, na Universidade Federal de Santa Catarina. Tem autoridade suficiente, pois, para trazer a lume um assunto tão complexo e, ao mesmo tempo, controverso. Ao fazer a “introdução” de seu livro, Ferreira de Mello destaca, entre outras coisas, que “as pesquisas que vimos fa-

zendo há alguns anos, não só sobre a bibliografia especializada, mas também sobre fatos, legislação e instituições, nos levam a formular a hipótese de que estamos criando, no Brasil, um novo tipo de federalismo que, se não é compadecente com os padrões clássicos das liberais-democracias dos séculos 18 e 19, guarda suficiente nexos com os objetivos das sociais democracias contemporâneas". E continua o emérito professor: "Esse novo federalismo que se vem caracterizando, sobretudo, pela busca da integração de objetivos comuns, poderá tornar-se, corrigidas as disfunções que ocorrem nesta fase de transição, um modelo bastante inspirativo e adequado a uma nação que decidiu alcançar, no menor prazo possível, um lugar de destaque na comunidade internacional". O livro TENDÊNCIAS DO FEDERALISMO NO BRASIL poderia ser uma obra hermética, destinada exclusivamente a alunos das nossas Faculdades. Mas não é. Ele interessa também aos estudiosos da fase desenvolvimentista que atravessa o Brasil, porque analisa o relacionamento, nem sempre fácil de ser mantido, entre os Poderes Federal, Estadual e Municipal.

Trata das origens da Federação Brasileira, dos seus poderes e da organização Municipal. Os propósitos políticos atuais merecem capítulo especial e o livro termina com um capítulo que trata de "conclusões e perspectivas". A capa revela muito bom gosto e é de autoria de Orlandivo Nocetti Jr., nome que vem se destacando no cenário artístico pela beleza que vem imprimindo aos trabalhos que ilustram capas de recentes livros.

IVAN LINS — UM AMIGO DE BLUMENAU QUE SE VAI

Em maio de 1973 a "Fundação Casa Dr. Blumenau" recebeu uma visita honrosa. Veio a Blumenau o acadêmico Ivan Monteiro de Barros Lins, ou simplesmente Ivan Lins, como era mais conhecido nos meios culturais brasileiros. Para recepcioná-lo, o saudoso Ferreira da Silva constituiu uma comissão, da qual tive a satisfação de participar. Era, pois, um sábado, em maio de 1973, quando conhecemos pessoalmente Ivan Lins. E nas poucas horas em que convivemos com ele e com sua digníssima esposa, tivemos o prazer de cultivar uma amizade que só, viria a se interromper agora, com sua morte inesperada, na cidade do Rio de Janeiro. Em sua visita a Blumenau, Ivan Lins percorreu as dependências da Biblioteca Fritz Müller, do Museu Colonial e o Parque Botânico "Edith Gaertner". Rapidamente, fez algumas compras no comércio e em seguida compareceu a um banquete que lhe foi oferecido no restaurante "Moinho do Vale". Duas semanas depois, eu recebia o livro "Descartes — Época, Vida e Obra", de sua autoria, onde após uma singela dedicatória. Ivan Lins ocupava a Cadeira nº 1 da Academia Brasileira de Letras —

Formara-se em medicina, mas nunca exerceu a profissão. Dedicou-se com amor às letras. Era adepto do "positivismo", uma doutrina filosófica sustentada por Augusto Comte. Ao positivismo, no Brasil, se ligam nomes famosos como Benjamin Constant, Júlio de Castilhos, Miguel Lemos, Teixeira Mendes e, mais recentemente, Ivan Lins, o último dos "positivistas", como era conhecido.

Há cerca de um ano, recebi de Ivan Lins um exemplar da defesa que lhe fez o advogado Evandro Lins e Silva, no processo que lhe foi movido pelo filho do crítico literário Agripino Grieco. É que Ivan Lins não gostou muito de alguns comentários desairosos que Grieco fizera a

amigos seus. E escreveu um artigo que foi considerado ofensivo pelo filho do crítico. Ao agradecer a remessa dessa peça forense, transmiti a Ivan Lins uma notícia que não me era nada agradável: o falecimento do professor José Ferreira da Silva, fundador destes "Cadernos". Agora Ivan Lins também se vai. Como diria Nereu Corrêa—: *partiu o nosso amigo Ivan Lins*. Ficaram suas obras e uma cadeira vaga na Academia Brasileira de Letras. A esse respeito, o repórter Murilo Melo Filho escreveu na revista "Manchete" "Poucas horas antes de morrer, o acadêmico Ivan Lins disse a seu filho Edmundo Mário que gostaria muito que sua cadeira na Academia Brasileira de Letras fosse ocupada pelo ex-Presidente Juscelino Kubitschek: "Seria o maior sucessor que eu poderia desejar". IVAN LINS, mineiro de Belo Horizonte, desaparece aos 71 anos.

Bibliografia em Língua Alemã Sobre Santa Catarina

ALOMA SUTTER

(Continuação do número anterior)

3 — "GRATWANDERER" und "WENN DER WIND DARÜBER GEHT..." — ("Peregrinação pela cumeeira" e "Quando o vento passa por cima") — Roman einer Blumenauer Familie — Tipografia e Livraria Blumenauense, 1957, 267 páginas o 1º e 117 o 2º.

4 — NACH 75 JAHREN — (Depois de 75 anos) -- Beitrag zur Geschichte der Familie Hering. Zusammengestellt von Gertrud Gross Hering. Genealogia da Familia Hering de Blumenau, 56 páginas.

5 — NEUE WEGE -- (Caminhos Novos) -- Ein Einwanderer--Roman -- 280 páginas. Tip. e Livraria Blumenauense. s/ data.

6 — DER SONNENHOF -- (A Fazenda do Sol) -- Romance. 190 páginas. Livraria e Tip. Blumenauense, Bl. 1967.

7 — GROSSVATER BATZOLD WANDERT AUS -- (O avô Batzold emigra) In "Brasil-Post", S. Paulo. 30/04/1966, nº 804 e 14/05/1966, nº 806.

8 — FRAUENSCHICKSALE -- (Destinos de Mulheres) -- (Elise Lingen, Ein Stiefkind der Natur. Mutter Wantken,

Das Krönlein) -- Tip. G. A. Koehler, Blumenau, 130 páginas.

GROTHE, Hugo IM KAMP UND URWALD SÜD-BRASILIENS — (No campo e na mata-virgem no sul do Brasil) — Ein Skizzenbuch zur Siedlungs und Deutschtumskunde. Mit 82 Bildern auf 40 Tafeln und 11 Karten — Skizzen-Buchhandlung des Weisenhause Gmb-Halle (Saale) Berlin, 1936, 204 pgs. O autor descreve a sua viagem pelos estados do Pr. SC e RS, em visita às colônias alemãs. Traz interessantes informações sobre estas últimas inclusive sobre Blumenau, Hammonia, Witmarsum, etc.

GRUSSENDORF, H. KOLONIEDIREKTOR DR. PHIL. HERMANN BLUMENAU — (Diretor Colonial, Dr. P. H. Blumenau) — “Braunsschweigisches Magazin”. Wolfenbittel, Alemanha, nº 4 de 25/02/1900; pgs. 25 a 30 e 36 a 39.

HACKER, Henrique MEHR LICHT — (Mais Luz) — Blumenau, abril/1957, 20 páginas. Livraria e Tip. Blumenauense, 1948. Tem como subtítulo: “Worte für denkende Menschen” (Palavras para gente que pensa). Assunto religioso filosófico. O autor reside em Blumenau; foi um dos construtores da Usina Elétrica do Salto. É engenheiro e se interessa também por assuntos espirituais, filosóficos. Impresso em Bl.

HOFFMANN, Friedrich Eduard DIE DEUTSCHEN SIEDLUNGEN IN SÜD-BRASILIEN — (As colônias alemãs no sul do Brasil) — Zwickan (Sachsen) Verlag und Druck: Forster e Borries, 1926, 32 páginas.

HOLLENWEGER, Rudolfo AUS DEM KOLONISTENLEBEN — (Da vida dos colonos) — Artigo publicado no nº 9 do 11º ano de setembro de 1916 do periódico: “Mitteilungen” des deutschen Schulvereins für SC, publicado em Blumenau.

HORMEYER, J. SÜD-BRASILIEN — (Sul do Brasil) — Ein Handbuch zur Belehrung für jedermann, insbesondere für Auswanderer. Mit einer Karte. Gustav Karl Würger, 1857. O prefácio data de Viena. O livro existe na Biblioteca de Berlim.

HÜHN, W. MITTEILUNGEN BETREFFEND DONA FRANCISCA — (Notícias referentes à D. Francisca) — Hamburgo, 1853, nº 8.

ILG, Karl PIONIERS IN BRASILIEN — (Pioneiros no Brasil) — Com 49 fotos coloridas, 21 desenhos e 4 plantas —

224 páginas. Tyrolia Verlag-Innsburck-Wien-Muenchen, (Um exemplar em mãos de Felix Steinbach).

JACOB, Heinrich E. SAGE UND SIEGESZUG DES KAFFEES — (Saga e luta vitoriosa pelo café). Die Biographie eines Weltwirtschaftlichen Stoffes. Rowolt Verlag, Hamburg. 368 páginas. Nas páginas 302 em diante há referências à Lauro Müller.

JUERGENS, Carl BILDER AUS DEM NATURLEBEN — (Imagens da Natureza) — Für Deutsche Unterrichts Anstalten Südbrasieliens zusammengestellt von Carl Juergens, weiland Lehrer an der Neuen Schule in Blumenau. 179 páginas. O livro foi impresso em Bremen, Alemanha, na impressora de A. Guthe. Foi entretanto escrito em Blumenau onde o autor era professor primário.

KAERGER, von Karl BRASILIANISCHE WIRTSCHAFTSBILDER — (Aspectos da economia brasileira) — Erlebnisse und Forschungen von Karl Kaerger doct. jur. Berlim, 1889. Druck und Verlag von Gergone & Cia. vom Georg und Fidler SN. Wilhelmstrasse, 26. 530 páginas. O autor descreve com muita erudição e minúcias a vida econômica de vários Estados (SC-PR-RS), especialmente das colônias alemãs. Trata de Blumenau, Brusque nas páginas 225 a 240. Representa uma excelente contribuição a quem se propõe escrever sobre o desenvolvimento econômico do Vale do Itajaí.

KAESANACH, João Luiz ILLUSTRIRTER KALENDER FÜR BRASILIEN — (Almanaque ilustrado para o Brasil) — 1948. Herausgegeben von João Luiz Kaesanach, Rio de Janeiro, 324 páginas, em sua maioria anúncios. O organizador do almanaque é blumenauense.

KAHLE, Maria AM RHEIN — EIS-FESTSPIEL — (No Reno — Festival no Gelo) — 88 páginas. Tipografia do "Der Urwaldsbote", G. A. Koehler Blumenau, 1917.

DEUTSCHES VOLKSTUM IN DER WELT — (Peculiaridades étnicas alemãs no Mundo) — Das Buch des Auslandes und Kolonial Deuschtums. Mit 9 Bildern — Wemarischer Verlag - Weimar. 1930, 108 páginas. Traz referências à Blumenau e ao Vale do Itajaí.

KIESER, Eugenio ZUKUNFTSFRAGEN FÜR DIE MOLKEREIMASCHINEN INDUSTRIE UND ZUGEHÖRIGE

GEWERBE IN SÜD-BRASILIEN — (Indagações de futuro à respeito de máquinas p/ laticínios, indústrias e ofícios inerentes, no sul do Brasil). -- Blumenau. SC, 1918. O autor divide o trabalho em três partes: a 1ª em que há interessantes dados históricos, trata da fundação e fracasso da Companhia Blumenauense de Laticínios. A 2ª, sobre a proteção da indústria de laticínios no sul do Brasil e a 3ª sobre a terra e a gente de Santa Catarina. Impresso no Blumenauer Zeitung, 72 páginas.

KLEINE, Karl DIE SILBERGLOKE VON VILA RICA — (O sino de prata de Vila Rica). -- Federação dos Centros Culturais 25 de Julho. Com ilustração de Theo Kleine. 1955. Rotermund e Cia. -- S. Leopoldo. 24 páginas.

KNOLL, Georg EINEBEGEGNUNG IM URWALD — (Um encontro na Mata-Virgem) -- Conto -- In "Kalender für die Deutschen in Brasilien", São Leopoldo, 1887, página 87.

AM LAGERFEUER IM URWALD — (A fogueira na Mata Virgem) -- Conto -- In "Kalender für die Deutschen in Brasilien", S. Leopoldo, 1889, pág. 33.

GESUCHT — (Procurado) -- Conto, in idem, S. Leopoldo, 1893, pág. 33. Continuação no ano seguinte, de págs. 33 a 133.

DIE BEIDEN NACHBAN — (Os dois vizinhos) -- Conto in mesma publicação, 1896, págs. 33 a 41.

FERNANDO DE NORONHA — Eine Erzählung aus dem brasilianischen Sklavenleben -- Mesmo calendário.

DAS HOCHLAND VON LAGES — (O Planalto de Lages) -- In "Kallender für die Deutschen in Brasilien", S. Leopoldo, 1904. Páginas 70 a 90.

KOCH, H. SÜDAMERIKA — (América do Sul) -- Dreimonatsschrift der Deutschsprechenden in Südamerika. Revista trimestral em idioma alemão, Buenos Aires, Argentina. O nº de janeiro e março de 1963 (12, Jahrgang-Heft 3) traz um artigo, nas páginas 159 a 162 do Professor Dr. H. Koch, de Jena, Al. intitulado: "Ein Urteil über die Kolonie Blumenau aus dem Jahre 1852", que já foi publicado em português, tradução em "Blumenau em Cadernos".

KOEHLER, G. Arthur HERMANN BLUMENAU — Do Jahrbuch 1957 -- 12 páginas (sem indicação de data nem

editora). Provavelmente impresso nas oficinas do “Der Urwaldsbote”, de que o autor era proprietário.

ZUR JAHRHUNDERT-FEIER — (A festa do Centenário) — Caderno de seleção de vários autores, comemorativos ao 1º centenário da Imigração Alemã, organizados por G. A. Koehler, José Deeke, Victor Schleiff, impressos nas oficinas de G. A. Koehler 36 páginas, com muitos fatos e personalidades blumenauenses.

KOENIGSWALD, Gustav von DIE INDIANISCHEN MUSCHELBERGE IN SÜD-BRASIL IEN — (Os sambaquis indígenas no sul do Brasil) “Globus”, ano LXXXVII, nº 20, páginas 341/347 — Braunschweig, 1905.

KOHLHEPP, Gerd NEUE FORSCHUNGEN ÜBER DEUTSCHBRASILIANISCHE BEVÖLKERUNG — (Novas pesquisas sobre a população teuto-brasileira) — Separata do “Geographische Zeitschrift”, de Franz Steiner Verlag, de Wiesbaden, 14 páginas. (Resumo do 1º colóquio de estudos teuto-bras., reunido em P. Alegre, julho/1963.

KONDER, Marcos DER NATIONALISMUS ALS FALSCHER PATRIOTISMUS — (O Nacionalismo como falso Patriotismo) — Etwas über die Deutsche Einwanderung in Südbrasilien -- 1954 — In Selbsverlag des Verfassers, Porto Alegre, 1954, 118 páginas. São Conferências sobre imigração e colonização alemã. Referências sobre Blumenau e o Vale do Itajaí.

DEMOKRATIE, INTEGRALISMUS, KOMMUNISMUS — (Democracia, Integralismo, Comunismo) — Rede in den Verfassungsgebäu den Versand Santa Catarina am 25. August 1935, an dem Tage der Verkündigung der Catharinenser Verfassung. Tipografia de G. A. Koehler, Blumenau, 52 págs.

KRAFT, Rudolf KOLONISATOR IN BRASIL IEN — HERMANN BLUMENAU -- (Colonizador no Brasil -- H. Blumenau) -- In “Diener einer Idee” 17 biografias. Compilador Curt Schlencher. Turris Verlag, Darmstadt. Págs. 155 a 171.

KREPLIN, H. ÜBER DIE MUSCHELBERGE VON DONA FRANCISCA (BRASIL IEN) — (Sobre os Sambaquis de D. Francisca) — In “Zeitschrift für Ethnologie”, ano IV, págs. 187/191, Berlim, 1872.

KRISCH, João AUS DER VERGANGENHEIT DER

BLUMENAUERSTRASSE IM MÜNIZIP JOINVILLE — (Do passado da rua Blumenau no município de Joinville) -- Mit besonderer Berechtigung der Familie Krisch. 62 páginas. Sem indicação de editora -- Joinville, 1937.

KRÖNING, Hubert KONTINENT BRASILIEN — (Continente Brasileiro) -- 270 pág. VEB F. A. Brockhaus. Verlag Leipzig, 1963. São notas e recordações de uma viagem do autor ao Brasil. Refere-se longamente à Blumenau da página 120 em diante. O livro é nitidamente comunista, fazendo críticas muito especiais e irônicas, algumas até ofensivas à nossa dignidade.

LANGE, F. EINIGE RATSCHLÄGE ZUR ANSIEDLUNG DER DEUTSCHRUSSENFLÜCHTLINGE IN DER HANSA — (Alguns conselhos aos núcleos dos fugitivos teuto-russos na Hansa) -- F. Lande und von A. Weissenbruch -- Junho, 1930. Tipografia Carl Wahle. Blumenau, 12 páginas.

LANGE, Henry SÜDRASILIEN — (Sul do Brasil) — Die Provinz São Pedro do Rio Grande do Sul und Santa Catharina mit Rücksicht auf die Deutsche Kolonisation. 2ª edição Leipzig-Paul Froberg, 1885, 254 páginas, com mapas e ilustrações.

LENARD, Alexander EIN TAG IM UNSICHTBAREN HAUS — (Um dia na casa invisível) -- Escrito em D. Ema, SC -- 214 páginas -- Wilhelm Goldmann Verlag -- München - Alemanha, 1972.

LEYSER, Hermann von DER VOLKSBOTE — (O Mensageiro do Povo) -- Kalender für die Deutschen im Staat Santa Catarina auf das Jahr 1902. Herausgegeben von Hermann Leyser, Joinville, Druck und Verlag von C. W. Boehm. 224 páginas. Na edição de 1903, existem vários artigos relacionados com Blumenau.

LUDWIC, H. FRITZ MÜLLER ALS BOTANIKER (F. Müller como botânico) -- Em "Botanisches Zentral-Blatt" de Gratz, 1897.

LUFFT, Hermann GESCHICHTE SÜDAMERIKAS — (História da América do Sul) -- Sammlung Goeschen, Band II. Das portugiesische Südamerikas Brasilien. G. J. Verlagshandlung, G. B. H. Leipzig, 1913. 140 páginas. Há muitas referências à SC, e às colônias alemãs.

MEYER, H. MUSCHELHÜGEL (SAMBAKI) UND URNENFELD BEI LAGUNA (BRASILIE) — (Sambaqui e achado de urnas perto de Laguna) — In "Globus", Ano LXIX, páginas 338/340. Braunschweig, 1869.

MEYER, Otto HANS HANSEN. LOCKENDES LAND ÜBER SEE — (Hans Hansen — Terra Sedutora no além Mar) — 274 páginas. Hans Heubner Verlag. Hannover, 1921. Refere-se à SC e Blumenau.

MILTENBERG, R. J. DIE DEUTSCHE KOLONIE DONA FRANCISCA IN DER SÜDBRASILIANISCHEN PROVINZ SANTA CATHARINA — (A colônia alemã D. Francisca na Província sul brasileira de Sta. Catarina) — Berlim, 1852.

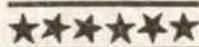
MOERSCH, Ferdinand PROSPEKT DER HANSEATISCHEN KOLONISATIONS-GESELLSCHAFT — (Prospecto da sociedade colonizadora Hanseática) — Von der Reichsregierung konzessioniert am 13 November 1898. Ansiedlung im Staat S. Catarina, Süd-Brasilien-Kolonie Hansa. 47 páginas, Druck von H. O. Persiehl, Hamburg, 1903.

MOESCHLIN, Felix ICH SUCHE LAND IN SÜDBRASILIE — (Eu procuro terra no sul do Brasil) — Erlebnisse und Ergebnisse einer Studienreise. Mit 203 Aufnahmen auf 80 Kunstdrucktafeln Montana Verlag, A. G. Hom-Luzern und Leipzig. 165 páginas de texto. Com muitas ilustrações. O autor esteve em Blumenau, Rio do Sul e outras regiões do Vale do Itajaí, fazendo interessantes referências a respeito.

MÜLLER, Alfred DIE PILZGÄRTEN EINIGER SÜDAMERIKANISCHER AMEISEN — (Jardins de fungos (cogumelos) de algumas formigas sul americanas) — Mit 7 Tafeln und 4 Holzschnitten in Text — 127 páginas. Verlag von Gustav Fischer, Jena. 1893. O livro foi escrito em Blumenau, 1892 onde foram feitas as pesquisas e observações registradas.

AUS SANTA CATARINA — (De Santa Catarina) — Artigos no "Naturwissenschaftliche", tomo IX n^{os} 37 e 51, 1894 e tomo X, n^o 22 de 1895.

(Continua no próximo número)



FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
O Mensário "O LEITOR"
Tipografia e Encadernação
(exclusivamente para serviços internos)

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente
Edison Müller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —
Isolde Hering d' Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Um conjunto de vida, cores e muita alegria



 malhas
Hering

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau - SC